

### O Despertar

Sílvia Oliveira



Sumbawa foi uma experiência verdadeiramente transformadora, após aquela inesquecível noite, dormindo na floresta com mais dez pessoas por cima de mim, todos atados e entrançados em duas árvores. Nunca cheguei a perceber do que tive mais medo – de se me caísse algum encima, ou dos sons diversificados e misteriosos que ouvi durante a noite.

Ao raiar da aurora não tardei a sair daquele emaranhado de panos, onde me enrolei e “escondi”. A jovem Acoy acompanhou-me até ao jipe... Já com Setia’Wan iniciamos a viagem até Dompou.

Dompou é a capital do centro de Sumbawa. De onde eu partiria para Bima. Setia’ Wan deixou-me, junto de uma vendedora de legumes, ao lado de uma estrada. Ali passava um autocarro para Bima, mas não havia sinalética de paragens nem qualquer outra indicação. Quando coloquei os pés no chão, tive sérias dúvidas sobre a existência de autocarros naquele local.

Setia’Wan deixou-me um bilhete, escrito em Indonésio, com o roteiro, e todas as indicações até chegar ao cais de embarque em Bima. Esperei dez minutos, que mais pareceram dez horas quando parou, um pequeno mini *bus*. Entrei, mostrei o papel, paguei e sentei-me. Parecia-me que ia ser uma viagem serena, o *bus* estava praticamente vazio, mas até Bima, foi enchendo e onde cabiam quinze estavam quarenta. O corredor ficou lotado, as pessoas sentavam-se em caixotes e baldes, que iam trazendo, depois era ir apertando. Como diz o velho ditado: “em tempo de guerra qualquer buraco é trincheira”. O autocarro também ficou consideravelmente mais alto... foi empinar carga, até não conseguirem chegar mais acima, de tal forma que

nas curvas mais parecia que ia tombar... já para não comentar os cheiros que ali se misturavam... Quando cheguei a Bima saí quase “cuspida”, do autocarro, como as rolhas das garrafas de champagne. Foi assim, que me senti!

Depois corri para a fila das carroças de burros, (eram os “táxis” da zona) e em quinze minutos estava no cais de embarque para Labuah Bajo. Após umas duas horas naquele *bus*, soube-me muito bem andar de carroça, apesar dos solavancos.

Fui para a fila da bilheteira e ouvi falar Italiano. Eram cinco jovens que tinham vindo do Bali e como não tinham conseguido bilhete de avião para a Ilha das Flores, compraram para o aeroporto de Bima. Já ali tinham pernoitado, porque o Ferry só partia quando estivesse cheio. Por momentos petrifiquei... eu tinha voo de regresso dentro de dois dias na Ilha da Flores e só havia voos uma vez por semana, naquela ilha, para o meu destino.

Os rapazes já ali estavam desde as 7h da manhã e já eram três da tarde. Comprei o bilhete e juntei-me a eles. Sentei-me, levantei-me, tirei fotos, dei passos para a frente e para trás. De repente fomos alertados, por um senhor, para o embarque, parecia mentira! Corri para apanhar um lugar, mas o barco estava praticamente vazio e levou mais uma hora a encher... era de mercadoria.

Percorri todo o barco, pois não sabia onde me sentar. Havia camas, salas para reza e as normais cadeiras. Alguns aposentos estavam danificados e a limpeza não reinava.

Mas sentia-me consolada e mais confortável agora. Em breve chegaria à ilha das Flores e teria o meu tempo para visitar a ilha onde habitam os célebres Dragões de Komodo